

FMI já admite: um choque pode ajudar.

— É melhor tratar um processo de hiperinflação com um choque econômico, para mudar as expectativas — afirmou ontem, em Berlim Ocidental, o economista Miguel Bonangelino, membro do **staff** do Fundo Monetário Internacional, em seminário com a imprensa latino-americana.

Opinião semelhante — e complementar — é a do subdiretor do Departamento Europeu do FMI, Manoel Guitian. A uma pergunta sobre a possibilidade de choques, observou: "Todos podem funcionar. Sejam de natureza ortodoxa, sejam de natureza heterodoxa. O essencial é que devolvam credibilidade ao governo".

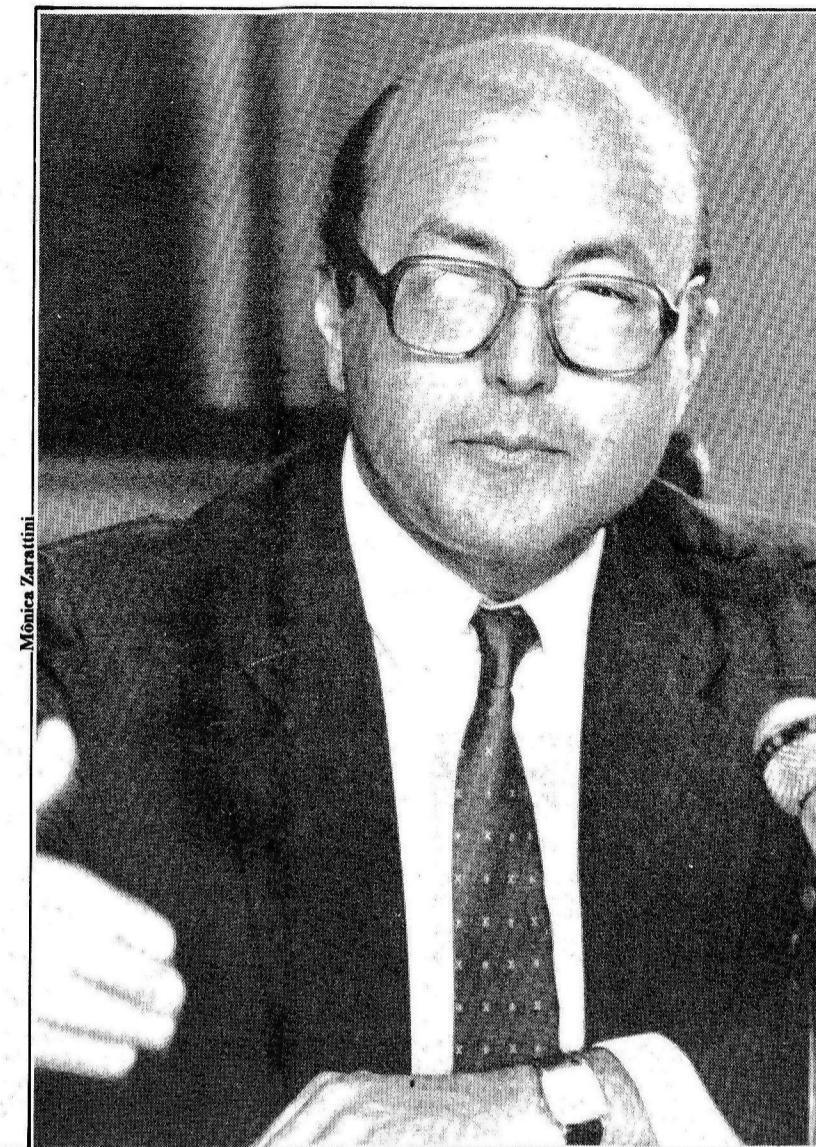
Em conversas paralelas ao seminário, os níveis de inflação no Brasil provocam preocupação. Um importante economista do Banco Mundial (Bird) notou que os programas do Bird com o Brasil levam em conta o desempenho macroeconômico, ou seja, as grandes variáveis da economia. Outro problema tratado no encontro foi o do atraso na decisão de liberação de empréstimos para o Brasil, em virtude de as dívidas da Nuclebrás terem passado para a Eletrobrás, em função de mudança recente.

O FMI está criando, além disso, um novo tipo de empréstimo, conhecido pelo nome de **CCFF (Compensatory and Contingency Financing Facility)**, ou seja, válido para situações de contingência. Que situações são essas? Uma delas é uma queda nas exportações. Outra, aumento no custo das importações. E uma terceira são contingências externas (por exemplo, aumentos nas taxas internacionais de juros ou outros desequilíbrios em contas de serviços, como turismo ou remessas diversas).

Perdão mais fácil

Com a nova linha, os **wavers**, uma espécie de pedido de perdão pelo não cumprimento de metas em programas com o Fundo, ficam mais fáceis. E recordou-se, no seminário, que o Brasil conhece bem o problema. Foi ao tempo das cartas de intenção e do programa negociado no período Figueiredo, em seguida à "quebra" do México, em 1982, quando efetivamente começou a crise de pagamento da dívida do Terceiro Mundo.

Os seminários para a imprensa, que ocorrem regularmente antes das assembléias anuais, destinam-se a oferecer informações sobre as tendências das organizações que promovem o encontro, ou seja, do Fundo Monetário e do Banco Mundial, mas há também uma exaustiva explicitação das políticas das instituições, em especial do FMI. Ontem cedo, isto ficou a cargo de dois membros do **staff** do Fundo, Miguel Bonangelino e Manoel Guitian. Bonangelino repetiu uma tese que, de certa forma, o próprio Brasil introduziu há alguns anos: a de que não é possível pensar em ajustamento econômico (correção de desequilíbrios, como o déficit e a inflação), sem tratar simultaneamente de crescimento econômico. "Mas o ajuste é inevitável" — ou seja, com ou sem o FMI, recordou o técnico. "O que se propõe é que ele seja ordenado, com um programa", afirmou.



Mônica Zaratini

Maílson: uma viagem cautelativa.